

Pós-graduação em Cirurgia: Mestrado e Doutorado

Saul Goldenberg

A Portaria 77/1969 do Conselho Federal de Educação criou e regulamentou a Pós-Graduação "estrito senso". A partir daí começamos a nos envolver com o mestrado e doutorado em cirurgia. São 20 anos de experiência.

A Pós-Graduação "estrito senso" vem se defrontando com diversos problemas na área da cirurgia. A interpretação inicial era a de que a pós-graduação "estrito senso" deveria ter características de aperfeiçoamento profissional, repetindo atividades específicas da Residência Médica. Este é o item que necessita ser continuamente esclarecido. A pós-graduação "estrito senso" não é meramente um aperfeiçoamento profissional. Este pode ser obtido fora do sistema de mestrado (M) e de doutorado (D).¹

A exigência da Residência Médica (R.M.), na área cirúrgica, é amplamente aceita como etapa fundamental para formação do cirurgião. Apesar de desvirtuamentos ocorridos nos últimos anos, a R.M. pode ser considerada como mecanismo eficiente para a formação do cirurgião.²

A R.M., processo altamente produtivo em termos de capacitação profissional e indispensável à P.G. na área cirúrgica, deve ter maior valorização para obtenção dos graus acadêmicos.

A R.M. não equivale ao mestrado, como se chegou a propor, mas também não deve ser apenas pré-requisito para a Pós-Graduação. Não tendo modelo a copiar, a P.G. nas áreas aplicadas tem-se defrontado com muitos problemas, um dos quais é o de encarar a Pós-Graduação apenas como curso e não como Programa, que exige créditos a contabilizar e que deste modo acaba se convertendo, muitas vezes, em repetição teórica da R.M.²

Esta postura acaba se refletindo na produtividade da P.G. e, sobretudo, na produtividade da pesquisa.

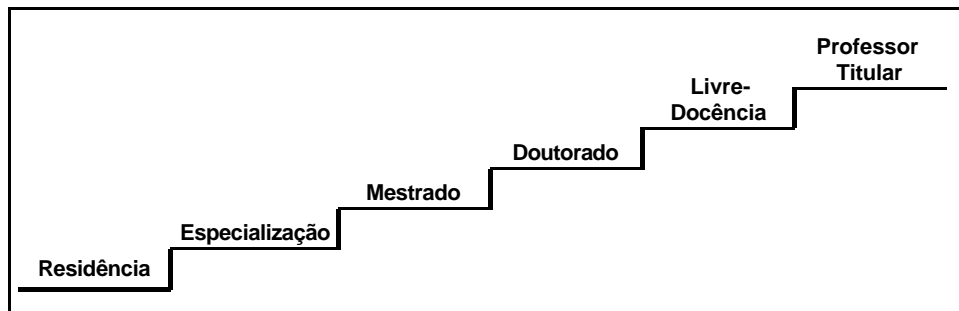
Tudo se passa como se fosse mais uma exigência formal e burocrática na progressão da carreira e não como excelente oportunidade para o processo formativo universitário, dentro de horizontes mais amplos e interdisciplinares, visando estruturação segura à formação científica.

O MESTRADO E O DOUTORADO EM CIRURGIA NÃO CONSTITUEM CURSOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, NEM DE , APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL, NEM DE ESPECIALIZAÇÃO E MUITO MENOS CONTINUAÇÃO DA RESIDÊNCIA.¹

O mestrado e o doutorado constituem processos de formação de docentes e de pesquisadores. E o que tem ocorrido?

Verificamos que os clientes do M e do D apresentam características variáveis: 1) os que têm cargo docente e necessitam dos títulos para progredir na carreira; 2) os voluntários (sem cargo) em serviço universitário e que desejam obter os títulos para ingressar na carreira, na primeira oportunidade; 3) os que não têm vínculo universitário e procuram no mestrado e no doutorado aprimoramento, atualização e especialização, erroneamente, sem interesse na docência e na pesquisa; 4) os que têm tendência para a aristocratização: são colecionadores de títulos, sem nenhuma vocação para a docência e para a pesquisa, e sua única finalidade é obter "status"; 5) finalmente, um grupo mais restrito que tem vocação autêntica. São cirurgiões competentes que desejam, efetivamente, exercer a docência e a pesquisa.

Eu vejo o M e o D em cirurgia como a maneira do profissional-cirurgião também se profissionalizar como professor e como pesquisador. E, devidamente qualificado e capacitado, obter os títulos, em degraus sucessivos:



Outra realidade atual é a formação de mestres e doutores que não exercitam a cirurgia. Não podemos admitir um Doutor em cirurgia que não tenha vivência cirúrgica. Por outro lado, também não se concebe o cirurgião com título de Mestrado ou Doutorado e que não saiba ensinar e pesquisar. Ou, quando muito, é um professor e pesquisador amador .

O Mestre e o Doutor completos exercem paralelamente a cirurgia, ensinam e pesquisam, e, assim, tornam-se competentes para formar outros professores e pesquisadores. Este é o espírito da pós-graduação "estrito senso".

No entanto, existe ainda outra realidade. Há cirurgiões que gostam de ensinar a outros a arte de operar. Não gostam de pesquisar e muito menos de, escrever e publicar. São

excelentes profissionais. Por outro lado, alunos de pós-graduação existem que não estão vocacionados para o Mestrado e Doutorado. Tanto um como o outro estão, na realidade, interessados em formação profissional, quer como aperfeiçoamento, quer como, especialização. Tanto este professor como este aluno nada têm a ver com o M e o D.

A especialização é pré-requisito para ingresso no mestrado. O mestrado é iniciação científica para a maioria dos especialistas que procuram a pós-graduação "estrito senso" em cirurgia

"A pós-graduação não é curso; não é complemento; não é suplemento; não é reparo ... é uma opção e um estado de vida. Não se faz pós-graduação, vive-se-a. Não se ensina pós-graduação, dá-se o exemplo e estimula-se o seu desenvolvimento. A pós-graduação se inicia em torno de um nome, ou de um líder natural ou tradicional, que tenha experiência na formação de homens universitários ou que tenha entusiasmo com este tipo de atividade universitária."4

M e D são atividades de formação, de capacitação docente e dedicação à pesquisa clínica e sobretudo experimental. Se o curso não selecionar seus professores e seus alunos com critério, dando preferência aos que efetivamente tenham tendência para a docência e para a pesquisa, aí então ele fatalmente fracassará.

Se o curso for na realidade curso de formação eminentemente profissional, sem vocação e sem estrutura material e humana para a pesquisa e se, por sua vez, os alunos também não estiverem vocacionados e preparados para a investigação científica, todo o esforço será mal direcionado, com frustrações profundas de todas as partes, levando a desvirtuamento e distorções graves, os quais chegarão a comprometer a credibilidade deste Curso de Pós-Graduação "estrito senso".

A obtenção dos títulos acadêmicos de M e de D não são obrigatórios para o exercício da profissão de médico. Mas é, por lei, obrigatória para o progresso na carreira universitária. Esta obrigatoriedade levou à chamada "corrida de captação aos crédito", corrida desenfreada à cata dos títulos.

Os candidatos ao mestrado e ao doutorado devem possuir características pessoais especiais, avaliadas criteriosamente em estágio probatório, antes da matrícula.

O seu desempenho será avaliado semestralmente. A jubilação será praticada nesta fase e evita-se estagnação no Curso. Neste estágio, antes da matrícula o candidato deve: 1) capacitar-se a ensinar, ministrado aulas formais aos corpos docente e discente do curso. Depois de qualificado, deve atuar como professor na graduação, deve exercer ativamente a pesquisa clínica e/ou experimental, deve exercitar a pesquisa bibliográfica e a feitura de resumos de revistas; 2) ter espírito de iniciativa, mostrar criatividade e a busca constante do conhecimento.

A comprovação objetiva destes predicados autoriza a matrícula do candidato, vocacionado para o ensino e para a investigação.

Deste modo, estaremos contribuindo para formar pessoal de boa qualidade para a própria instituição e para outras. E, nestas condições, estaremos adquirindo conceito para obter o apoio necessário e indispensável das agências financiadoras de

pesquisa.

O orientador é um elemento chave no desenvolvimento da pós-graduação

É atrás do entusiasmo do professor orientador, da sua cultura, da sua experiência, de suas sugestões e acompanhamento que os alunos se envolvem e conseguem motivar-se e concluir seus trabalhos.⁴

Não importa a origem do aluno: professor universitário em formação, residente, especialista, profissional em atividade clínica... Todos se comprometem com o processo, proporcionalmente ao que recebem dos professores com quem convivem. É preciso que o aluno esteja ligado, afetiva ou profissionalmente, aos grupos ou pessoas compromissados com o estado de pós-graduação.

O ambiente de convivência é fundamental. Dele é que saem os estímulos, os desafios e as proposições de idéias ou das linhas de pesquisa. Se o ambiente é saudável e reflete o estado de pós-graduação, certamente dá frutos bons e contínuos⁴.

"A linha de pesquisa é indispensável para o início, a continuação e o desenvolvimento da pós-graduação. Sem ela não há base sólida para implantação de um sonho inicial. Pode ser simples, limitada ou modesta, mas será sempre um norte para os que se envolvem no ideal. Sem ela de nada adiantariam processos bem montados, currículos organizados e projetos mirabolantes, porque o produto sempre dependerá de uma ou mais linhas de pesquisa dentro do curso. Sem se referir, com ênfase, à possibilidade que elas abrem na captação de recursos."⁴

O treinamento didático é outro aspecto importante. Não adiantam currículos muito organizados e bem ministrados se o aluno não tem oportunidade para fazer o seu preparo didático, a sua descontração e a sua desenvoltura. Vale mais o treinamento didático do que disciplinas muito bem cursadas e com aprovação integral. Matéria se estuda, isoladamente, ao longo do tempo; treinamento só se faz supervisionado."⁴

"A formação ética e moral é indispensável. Ela somente será eficaz se for produto de convivência. Moral não se ensina; se exemplifica. Moral não se prega; se faz. "⁴

O Mestrado não deve ser curso terminal e a sua avaliação deve ser rigorosa neste sentido. O Mestrado em Cirurgia deve ser encarado como uma fase de formação didática, de pesquisa e de amadurecimento crítico. Não se consegue num curso de pouco tempo e com jovens ainda em formação universitária, torná-los independentes em pesquisa e espírito crítico. Por "isto, deve continuar-se com o Doutorado onde o pós-graduado completa a sua formação e, daí em diante, adquire condições de desenvolver-se isoladamente, se for o caso."⁴

" A monografia para o Mestrado é perigosa na área de Cirurgia. O seu espírito é de atualização de um tema estudado ou vivido retrospectivamente pelo Autor ou pelo Orientador. Fica repetindo literatura e não há cultivo do espírito crítico. O mais grave, no entanto, é a ausência de estímulo à criatividade.

A dissertação para o mestrado em cirurgia não estimula a criatividade e não contribui para formar o pesquisador. Exige-se a realização de tese para o mestrado em cirurgia.

A especialização se coloca bem entre o mestrado e o doutorado. No Mestrado

aprende-se o método; na especialização, aprofunda-se no conhecimento profissional; no Doutorado fundem-se os dois e teremos um profissional mais completo: aquele que conhece e desenvolve a sua profissão e tem o domínio do método, para extrair dessa, o que ela oferece de oportunidade ao desenvolvimento da pesquisa".⁴

"O Doutorado confere ao interessado uma autonomia dentro de uma linha de pesquisa, sobretudo se o Mestrado foi aí incluído. O amadurecimento no entanto, não é completo. Para este desiderato, há o pós-doutorado ou a docência livre. Esta fase sim, consolida o processo de formação. O pós-doutorado amplia e aprofunda a sua visão de pesquisa e o docente livre faz da sua experiência profissional uma fonte rica de investigação técnica e tática."⁴

Vários foram os avanços em nossa estrutura científica e universitária, conseqüentes à existência de uma pós-graduação formal. No entanto, recentemente vêm crescendo as análises e projeções que mostram que muitos dos objetivos da pós-graduação não foram ainda totalmente alcançados e dificilmente o serão dentro desta estrutura. Para que possamos discutir esse aspecto, é preciso considerar a pós-graduação como instrumento para alcance de três grandes objetivos: 1) contribuir para o avanço do conhecimento científico; 2) formar pessoal especializado de alto nível; 3) contribuir para o aprimoramento do corpo docente de nossas instituições de ensino superior (IES), como instrumento mais importante para o progressão na carreira universitária. Esse três objetivos poderiam ser englobados em um único grande objetivo: tornar nossas IES mais competentes".³

"Enquanto países como Estados Unidos, Grã-Bretanha e o Japão têm cerca de 250 mestres ou doutores por 100.000 habitantes. O Brasil tem apenas 26 destes especialistas para o mesmo número de habitantes. O fato mais grave é que o atual ritmo de formação de especialistas mal é suficiente para substituir aqueles que deixam as IES por aposentadoria ou por outras causas. Qual seria a solução para o problema? Obviamente formar mais mestres e doutores, Ocorre, no entanto, que não se podem formar especialistas por decreto. Um doutor é um cientista que deve ter várias características, relacionadas ao conhecimento, criatividade, independência, domínio de um ou mais temas de investigação, características que exigem tempo para serem adquiridas. Além disso um mestre ou doutor não se forma como autodidata: há necessidade de mais professores orientadores cujo número também é limitado".³

O orientador é peça chave no processo de formação. No entanto, a estrutura da Pós-graduação e a "praxis" seguida em vários programas levam ao esvaziamento do papel do orientador".²

O orientador passou cada vez mais a se preocupar menos com a formação direta do aluno. Muitas vezes, a orientação, quando existe de fato não apenas no papel, se restringe à leitura e revisão do manuscrito da dissertação ou da tese. É tão alienante o processo que se acaba esquecendo que o orientador não é orientador de tese apenas, mas do aluno. Caberia a ele, muito mais do que participar da feitura da .tese, identificar o grau de formação do aluno, suas deficiências, seus interesses, seu universo de trabalho de cuidar de sua formação, sugerindo a tomada de cursos, leituras, estágios, e outras atividades, acompanhando *pari passu* o seu desenvolvimento".²

A relação do orientador-orientado deveria ser profunda e eficaz e deveria merecer análise psicodinâmica mais detalhada".²

"Na teoria, o orientador e o orientado deveriam se escolher mutuamente; na prática, porém, o processo é totalmente diverso e freqüentemente aleatório.

Merece destaque ainda o fato de que há orientadores que não tem boa formação em metodologia da pesquisa, e como ninguém pode dar o que não tem, não preparam adequadamente o pós-graduado para a pesquisa".²

Do comportamento restrito do orientador, da deficiência da orientação e da caça aos créditos imposta ao aluno resulta um processo desgastante e, sobretudo, falho na formação, que vai se refletir em dificuldade na projeto de pesquisa".²

O que o pós-graduando pode e deve é, nas áreas de competência, formar bem e este formar bem implica desenvolver os sentimentos de responsabilidade social e de cidadania".²

"A Cirurgia Experimental representa um espaço bastante adequado para pós-graduação em cirurgia. Acresce que em nosso meio, a Cirurgia Experimental era encarada como simples prática de Técnica Cirúrgica em animais. O avanço de conhecimentos vem demonstrando, cada vez mais, a importância da Cirurgia Experimental, encarada como pesquisa de interesse cirúrgico realizada em animais de experimentação".²

"Formar experimentador na área cirúrgica, bem como permitir ao cirurgião clínico o aprimoramento científico e crítico ao lado da investigação experimental de problemas de natureza clínica".²

Para concluir, tem-se a impressão que entre qualidades e defeitos, a Pós-Graduação em Cirurgia tem apresentado resultados positivos. Contudo, penso que está a merecer uma avaliação atual e objetiva em nosso País. Torna-se imperiosa uma apreciação crítica e rigorosa dos egressos. Pergunto-me: quantos titulados continuam a exercer o efetivo exercício da docência e da pesquisa? Quantos dos titulados estão formando outros? O que se investiu neles valeu a pena?

Versão prévia publicada:

Este manuscrito é uma versão aprimorada e atualizada de:
Goldenberg S. Pós-graduação em cirurgia: mestrado e doutorado. Acta Cir Bras 1992;7(4):168-170.

Data da última modificação:

23 de agosto de 2001.

Como citar este capítulo:

XXXXXXXXXX

Conflito de interesse:

Nenhum declarado.

Fonte de fomento:

Nenhuma declarada.

Sobre o autor:



Saul Goldenberg

Professor Titular do Departamento de Cirurgia – Área Técnica Operatória e Cirurgia Experimental da
Universidade Federal de São Paulo / Escola Paulista de Medicina
Diretor Técnico de Serviço de Saúde – Secção Médica de Experimentação – Serviço de Laboratório e
Pesquisa do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo.
Diretor Presidente da Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Pesquisa
em Cirurgia (SOBRADPEC)
Editor Científico Responsável pela Revista Acta Cirúrgica Brasileira

Endereço para correspondência:

Saul Goldenberg
Alameda Rio Claro, 179. Apt. 141
Bela Vista - São Paulo
01332-010, SP – Brasil
Fone/Fax: +11 287 8814
Correio eletrônico: sgolden@ruralsp.com.br

(2290 palavras)